




AS RELAÇÕES ENTRE OS ARTESÃOS FILIGRANEIROS DE NATIVIDADE, TOCANTINS E O TURISMO

THE RELATIONSHIP BETWEEN FILIGRANEAN ARTISANS OF NATIVIDADE, TOCANTINS AND TOURISM

LA RELACIÓN ENTRE LOS ARTESANOS FILIGRANEOS DE NATIVIDADE, TOCANTINS Y EL TURISMO

Wátila Fernandes Bonfim¹

Rosane Balsan²

 10.21665/2318-3888.v7n14p29-56

RESUMO

A cidade de Natividade fica no Tocantins, sendo a primeira localidade tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) no Estado. Um traço que codifica a cidade, considerada um patrimônio cultural imaterial por seus moradores é a secular fabricação de joias utilizando a técnica da filigrana, que consiste em curvar e trançar fios de ouro ou prata, formando grãos. No que diz respeito ao turismo, ficou descortinada a tendência a visitação às ourivesarias por parte de visitantes que valorizam o turismo cultural. Tal fato mobiliza a economia da cidade e atrai dividendos. O objetivo principal deste trabalho foi investigar como as joias tradicionais e/ou filigranadas de Natividade marcam a relação da sociedade com o lugar, dinamizando as relações sociais e econômicas das pessoas. A pesquisa está inserida na perspectiva da geografia cultural e teve como principais conceitos abordados: patrimônio, identidade, turismo e o lugar. No que se refere à metodologia, a pesquisa foi realizada através da abordagem qualitativa bola de neve. No total, entrevistou-se 44 pessoas, entre ourives, ex-ourives, aprendizes, moradores e sujeitos ligados ao turismo local. Fez-se uso também da pesquisa documental. Percebeu-se que passado e presente continuam entrelaçados como tênues fios que dão origem as peças em filigrana, e que essa manifestação artística, além de simbolizar, também fortalece o espaço em que está inserido.

Palavras-chave: Filigrana. Patrimônio Cultural. Lugar. Turismo. Natividade.

¹Mestre em Geografia (UFT). ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8808-4004>. E-mail: watila_5@yahoo.com.br.

² Doutora em Geografia, professora do mestrado em Geografia (UFT). Trabalha com geografia do turismo e patrimônio histórico. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3299-6821>. E-mail: rosanebalsan@hotmail.com.

ABSTRACT

The city of Nativity is in Tocantins, being the first locality listed by the Institute of National Historical and Artistic Heritage (IPHAN) in the state. One feature that encodes the city, considered an intangible cultural heritage by its residents, is the centuries-old jewelery making using the filigree technique, which consists of bending and braiding gold or silver strands to form grain. With regard to tourism, the tendency to visit goldsmiths by visitors who value cultural tourism was unveiled. This fact mobilizes the city's economy and attracts dividends. The main objective of this work was to investigate how the traditional and / or filigree Natividade jewels mark the relationship of society with the place, boosting the social and economic relations of people. The research is inserted in the perspective of cultural geography and had as main concepts approached: heritage, identity, tourism and the place. Regarding the methodology, the research was conducted through the qualitative snowball approach. In total, 44 people were interviewed, including goldsmiths, former goldsmiths, apprentices, residents and subjects related to local tourism. Documentary research was also used. It was noticed that past and present remain intertwined as tenuous threads that give rise to filigree pieces, and that this artistic manifestation, besides symbolizing, also strengthens the space in which it is inserted.

Keywords: Filigree. Cultural heritage. Place. Tourism. Natividade.

RESUMEN

La ciudad de la Natividad se encuentra en Tocantins, siendo la primera localidad incluida en la lista del Instituto de Patrimonio Histórico y Artístico Nacional (IPHAN) en el estado. Una característica que codifica la ciudad, considerada un patrimonio cultural inmaterial por sus residentes, es la fabricación de joyas centenarias utilizando la técnica de filigrana, que consiste en doblar y trenzar hilos de oro o plata, formando granos. Con respecto al turismo, se desveló la tendencia a visitar orfebres por parte de visitantes que valoran el turismo cultural. Este hecho moviliza la economía de la ciudad y atrae dividendos. El objetivo principal de este trabajo fue investigar cómo las joyas de la Natividade tradicionales y / o de filigrana marcan la relación de la sociedad con el lugar, impulsando las relaciones sociales y económicas de las personas. La investigación se inserta en la perspectiva de la geografía cultural y tuvo como conceptos principales abordados: patrimonio, identidad, turismo y el lugar. En cuanto a la metodología, la investigación se realizó a través del enfoque cualitativo de bola de nieve. En total, se entrevistó a 44 personas, incluidos orfebres, ex orfebres, aprendices, residentes y temas relacionados con el turismo local. También se utilizó la investigación documental. Se observó que el pasado y el presente permanecen entrelazados como hilos delgados que dan lugar a piezas de filigrana, y que esta manifestación artística, además de simbolizar, también fortalece el espacio en el que se inserta.

Palabras clave: Filigrana. Patrimonio Cultural. Lugar. Turismo. Natividade.

Introdução

Atualmente, Natividade é uma cidade localizada na região sudeste do estado do Tocantins, à margem direita do rio Tocantins, próxima a outras localidades surgidas à época da exploração aurífera no século XVIII, como Almas, Chapada de Natividade e Conceição (Figura 1).

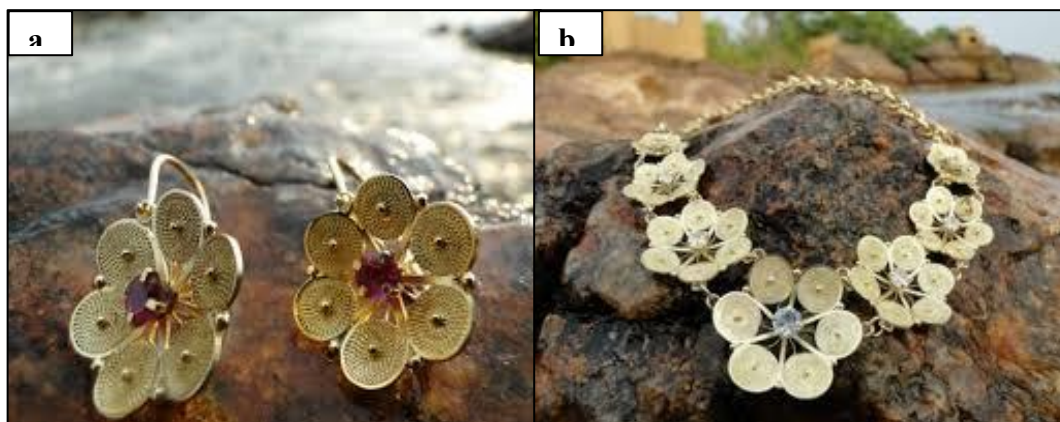
Tombada pelo IPHAN, como patrimônio histórico nacional desde 1987, Natividade está datada do ano de 1734 e ainda conserva em suas ruas, igrejas, becos e praças, traços originais do período colonial no Tocantins. No município se cultivam diversos modos de fazer e saber, um dos principais, que codifica e traz significado a cidade, é a produção artesanal de joias em ouro e prata utilizando a técnica milenar da filigrana, que nessa região do Tocantins chegou de acordo com fontes mais fidedignas nas últimas décadas dos anos 1800, e guarda fortes influências da ourivesaria vinda de além-mar no período colonial. Esta técnica no Brasil perpassou as décadas e continua a brotar através do labor de ourives e aprendizes locais.

A presença da técnica da filigrana em Natividade, além de codificar, é uma força do ponto de vista do turismo, posto que vem cada vez mais atraindo visitantes para a cidade. Ao visitar as oficinas e pernoitar nos hotéis e pousadas, percorrendo lanchonetes, restaurantes, conhecendo o centro histórico através da contratação de um guia etc., há uma relação estreita e cada dia mais promissora entre este patrimônio, a filigrana, e a atividade turística

A palavra filigrana vem do latim, e significa fios em forma de grãos. Ou seja, a partir do trabalho artesanal de ourives as joias (Figura 1) vão se formando. Assim, estes artesãos que dominam a técnica da filigrana são chamados “filigraneiros”.

Em Natividade, de acordo com o Iphan (2007), o tempo presente é expressivamente influenciado pelo passado do século XVIII. Além da origem, as ruínas do início da cidade localizadas na serra, ventilam o sentido da coletividade das pessoas, ou seja, o reluzente metal aurífero faz parte do imaginário presente, criando expectativas nos cidadãos.

FIGURA 1 – Joias produzidas em Natividade. A Flor de Maracujá em forma de brinco e colar



a) Flor de Maracujá em forma de brinco

b) Flor de Maracujá em forma de colar

Fonte: ASCCUNA (2017), adaptada pelo autor, 2018.

Esta pesquisa foi realizada através da abordagem qualitativa. Para Mendes e Silva (2013), tornou-se crescente a complexidade dos arranjos sociais, tornando-se difícil entender e explicar os fatores econômicos, políticos e socioculturais apenas com a utilização da pesquisa quantitativa. Desse modo, a abordagem qualitativa baseia-se em compreender e interpretar os fenômenos a partir de suas representações, crenças, opiniões, percepções, atitudes e valores. Nela, o pesquisador interage dinamicamente com o sujeito pesquisado, numa relação de interdependência.

Assim sendo, para a operacionalização desta pesquisa utilizou-se a pesquisa bibliográfica: foram pesquisados artigos científicos, dissertações, livros, teses, sobre a técnica da filigrana em Portugal e no Brasil, os conceitos principais abordados e a respeito da história da nossa área de pesquisa. Consultamos também fontes bibliográficas que continham informações acerca do patrimônio cultural e do turismo.

Na pesquisa de campo, foram realizadas entrevistas com os ourives, ex-ourives e aprendizes das três ourivesarias presentes atualmente em Natividade, além de moradores e moradoras da cidade, sobretudo as que tinham joias ou alguma ligação com este modo de saber, e indivíduos com alguma ligação com a atividade turística.

Optou-se para esta pesquisa pelo modo de amostragem por bola de neve: no qual os sujeitos “[...] são estudados em profundidade, incluídos por vivência; desenvolvimento de teoria; novo sujeito indicado pelo anterior e melhor estruturação teórica; sucessivas entrevistas e revisões da teoria até considerá-la organizada” (PÊSSOA; RAMIRES, 2013, p. 126). Nesse tipo de amostragem, os indivíduos são indicados pelos entrevistados anteriores, desse modo a investigação vai se dando a partir dos relatos e experiências coletivas. De início, procurou-se a associação cultural que sugeriu alguns nomes. Após isso, a pesquisa operacionalizou-se gradativamente.

A pesquisa foi operacionalizada tendo como referência os ex-ourives, ourives, aprendizes, moradores usuários de joias nativitanas, e sujeitos ligados de algum modo ao turismo cultural. Buscou-se, desse modo, descortinar detalhes da importância imaterial e identitária dos adornos através das vivências e histórias dos sujeitos que contribuem para a perpetuação deste patrimônio.

Foram entrevistadas 44 pessoas, entre julho de 2017 e setembro de 2018. Nestas ocasiões, fruto de sete viagens feitas até a cidade, objetivou-se conhecer e analisar os atores envolvidos na produção e utilização das joias nativitanas, bem como daqueles ligados ao turismo na cidade (Quadro1).

QUADRO 1 – Categorias, nomenclaturas e período de entrevistas em Natividade.

Categoria	Nomenclatura adotada na pesquisa	Período de entrevistas
Ourives	O	Julho de 2017 a maio de 2018
Ex-ourives	EO	Julho de 2017 a novembro de 2017
Aprendizes	AP	Julho de 2017 a agosto de 2018
Moradores (as)	M	Julho de 2017 a maio de 2018
Ativista Cultural	AC	Novembro de 2017
Guia de Turismo	GT	Setembro de 2018
Agente de Turismo	AT	Setembro de 2018
Secretário de Turismo	ST	Setembro de 2018

Fonte: Dados coletados da pesquisa, 2018.

Outrossim, a pesquisa buscou enfatizar as oficinas nativitanas, abrangendo a caracterização socioeconômica dos mestres-ourives/filigraneiros e seus aprendizes. Adiante, buscou-se investigar as relações entre patrimônio, turismo e artesanato. Descortinou-se uma estreita relação entre as joias fabricadas há mais de um século pelas mãos hábeis de mestres locais e uma das atividades econômicas que mais tem crescido nas últimas décadas – o turismo, no caso de Natividade, o turismo atrelado à cultura. Por fim, estabeleceu-se novos caminhos a serem percorridos pelas oficinas, através de indagações, levantamentos e sugestões tanto para as ourivesarias, bem como para os poderes públicos.

1. Oficinas e Artífices

No mundo da joalheria, de acordo Pereira (2008), o fascínio pelo manual e pelo tradicional é idêntico ao que acontece no mercado do mobiliário, pois existe a mesma saturação de material industrializado.

Os caminhos do ouro, ressalta Iphan (2007), avançaram em uma terra ignota, em um território que se tinha notícias apenas pela população que lá existia. Natividade tomou forma neste caminho do ouro, no século XVIII, e “ali, ao pé da serra começa uma trajetória no tempo.

Ainda que dois lugares possam ter os mesmos ingredientes, a disposição de suas formas pela comunidade produz algo necessariamente diferente. É quando a ordem dos fatores altera o produto. Homem apaixonado pelo meio cria a alma do lugar (YÁZIGI, 2001).

As joias, enquanto veículo de comunicação e elemento portador de identidade e resistência cultural, inclui os cidadãos que revisitam as suas memórias e revelam os costumes, os sabores e os saberes locais. E assim, a palavra transversalidade ganha novos tons e significados diante da riqueza dos conhecimentos e das tradições das pessoas simples que compõem o cotidiano do nativitano, em especial por meio da ourivesaria com foco na filigrana.

Tecnicamente a filigrana consiste na arte de torcer dois fios de ouro ou prata. Para a feitura do fio os artesãos vertem o metal fundido sobre uma rilheira de fio, através da qual obtêm uma peça arredondada. Desta peça ainda espessa e atendendo à ductibilidade do ouro e da prata, os ourives conseguem fios muito finos que se transformam em filigrana (IPHAN, 2007).

Em Natividade, diferentemente da região portuguesa de Gondomar, o trabalho é todo feito no interior das oficinas e cabe ao ourives a tarefa de encher e decorar as joias com finos fios trançados. Nas oficinas nativitanas, até a bem pouco tempo as mulheres não tinham espaço, pois a ourivesaria era uma arte exclusiva dos homens. Atualmente, a inserção das mulheres ainda é tímida, pois foram encontradas nas oficinas pesquisadas apenas duas ourives, uma já mestre e outra aprendiz.

Finalmente, depois de preenchidas, as peças são soldadas, moldadas ou montadas. O ourives coloca a peça sobre uma superfície, ou sobre a tábua de amianto, polvilha-as com solda e água e pelo reverso, através do maçarico, projeta fogo para que as pecinhas se soldem (IPHAN, 2007).

Este é um momento quase mágico e exige muita atenção por parte do ourives, pois a solda pode romper a peça, colocando todo seu trabalho a perder. Enfim,

recozer, montar as estruturas, moldar as partes, branquear são algumas das múltiplas facetas que se seguem até a obtenção da joia reluzente. Estas são, na verdade, técnicas e processos milenares que nos chegam à luz da raiz dos tempos, que conheceram lentas modificações no decurso da história, e tiveram uma modernização nas ferramentas, mas permanecem, e se repetem em pequenas oficinas na cidade de Natividade (IPHAN, 2007, p. 92).

1.1. Caracterização das oficinas

Atualmente existem em Natividade três oficinas de ourivesaria: Ourivesaria Mestre Juvenal (Figura 2), João Bosco Joalheiros e BellaArt Ourivesaria³. As três tinham na ocasião desta pesquisa ao todo 17 ourives, entre mestres e aprendizes.

De acordo com as informações obtidas, dos 17 ourives 11 já desempenham funções relacionadas a de um mestre, como: preenchimento e confecção de joias, e repasse do saber a aprendizes. No momento da pesquisa, seis eram ainda aprendizes, isto é, estavam em fase de contato e aprimoramento. Importante salientar que muitos dos aprendizes já confeccionam pequenas peças como anéis e colares.

As ourivesarias, como já referido, acentua Iphan (2007), são parte presente e marcante na vida dos nativitanos, assinalando o cotidiano e momentos rituais há longa data, possivelmente desde os momentos iniciais da cidade. “Essa arte tem sido revivida e recriada ao longo do tempo pelos ourives que transmitiram o ofício do ouro através das gerações, e pelo uso das joias pela população, que a elas atribuem valores e significados religiosos, econômicos, sociais e culturais” (IPHAN, 2007, p. 62). As peças, como uma expressão do patrimônio imaterial, desempenham uma comunicação das dimensões temporais. A ourivesaria em filigrana de Natividade como patrimônio imaterial é justamente a artesanaria do mosaico identitário: elas evocam as forças culturais complexas e dinâmicas onde elas emergiram.

³ A ordem de apresentação das ourivesarias segue a data de fundação das oficinas.

FIGURA 2 – Sede atual da Ourivesaria Mestre Juvenal.

Fonte: ASCCUNA, 2018.

Os ourives, por meio do desenvolvimento de seu trabalho com as joias tradicionais e/ou filigranadas, são de alguma forma sujeitos que dinamizam a relação da memória e da história por intermédio das peças que fabricam. Pensar em cultura imaterial, especialmente vinculada à ourivesaria que se produz em Natividade, é ir além das paredes, além dos quintais, além das fronteiras.

O3: Trabalhei muito tempo em Goiânia com mestre Jesumar, aqui de Natividade. Jesumar foi discípulo do mestre Juvenal. Eu fabrico tanto joias mais antigas quanto as mais modernas. É ao gosto do cliente. Desde peças em chapa, quanto em filigrana.

Segundo o ourives, as maiores dificuldades enfrentadas por sua ourivesaria hoje é a aquisição de empréstimos bancários para investir na oficina. Mestre João Bosco possui experiência com joias e também com objetos fabricados tanto em ouro como em prata, e faz questão de arquivar todas as suas criações em fotografias que guarda cuidadosamente.

Sobre as manifestações do patrimônio imaterial, Iphan (2007) enfatiza que são preservadas pela coletividade, em especial aqueles que desempenham papéis diretamente relacionados à complexa relação existente entre passado-presente vista nas peças da ourivesaria de Natividade. Os habitantes, os mestres ourives, os aprendizes (Figura 3) são os principais sujeitos.

FIGURA 3 – Aprendizizes da BellaArt Ourivesaria, em Natividade.



Fonte: Wátila Bonfim, 2018.

1.2 Caracterização socioeconômica dos mestres-ourives e aprendizes

Natividade conta nos dias hodiernos com 11 mestres-ourives e 6 aprendizes. Destes alguns com quase quatro décadas de profissão, como o mestre Joaquim Valdeídes (Val) e mestre João Bosco; outros com mais de duas décadas, como mestre José Leal e mestre Uardon. Dos demais mestres, todos têm menos de vinte anos de ofício. Dos aprendizes a média de oficialato é de um ano.

A partir de uma investigação nas três ourivesarias existentes em Natividade, procurou-se analisar as características socioeconômicas dos mestres-ourives filigraneiros (Quadro 2).

QUADRO 2 – Caracterização socioeconômica dos ourives nativitanos⁴.

Ourives	Sexo	Estado Civil	Escolaridade
O1	M	Casado	Médio
O2	M	Solteiro	Fundamental
O3	M	Casado	Médio
O4	M	Casado	Médio
O5	M	Casado	Superior
O6	M	Solteiro	Médio
O7	M	Solteiro	Fundamental
O8	M	Solteiro	Superior
O9	F	Casada	Médio
O10	M	Solteiro	Médio
O11	M	Solteiro	Médio

Fonte: Dados coletados da pesquisa, 2018.

Percebe-se, ao investigar as informações coletadas, que dos 11 ourives apenas um é do sexo feminino. Parece pouco, entretanto na tradição nativitana nunca antes uma mulher permaneceu por tanto tempo no oficialato. Em relação ao estado civil, constatou-se que 63% dos ourives são solteiros, residindo ou com os pais, tios, avós ou irmãos.

No que tange à escolaridade, descobriu-se que 18,5% concluíram apenas o ensino fundamental, 63% o ensino médio e 18,5% o ensino superior. Deduz-se assim, que a maior parte dos ourives não deu continuidade aos estudos, por várias razões: dificuldades financeiras, distância de centros universitários e, principalmente, pela necessidade de possuir uma renda que lhes garantisse a sobrevivência. Dos entrevistados com apenas o ensino fundamental, os dois ourives são ainda jovens, com menos de 20 anos, e afirmaram que ainda pretendem voltar a estudar. No que diz respeito aos ourives

⁴ Também foram questionados sobre a renda obtida, e todos os entrevistados afirmaram ser suficiente para atender as necessidades básicas.

com ensino superior, os mesmos apontaram preferir o artesanato, pois os dividendos são até maiores que se estivessem exercendo seus cursos universitários.

Interpelados sobre se a renda obtida com as ourivesarias seria suficiente para arcar com suas sobrevivências, 100% dos interrogados disseram que sim, ainda que em determinadas épocas do ano a renda não seja a mais apropriada, no geral o que conseguem ganhar custeia adequadamente suas vidas materiais.

Quanto às idades, não incluídas no quadro, destaca-se que a quase totalidade dos artesãos ourives, mestres filigraneiros estão inseridos na faixa etária entre 20 e 40 anos, ou seja, adultos jovens. Apenas 2, tem idade entre 40 e 60 anos. O que corrobora a ideia de um futuro garantido para as joias tradicionais e/ou filigranadas de pelo menos algumas décadas. Dos mais velhos se soube que pretendem ainda trabalhar por algum tempo, e se mostraram satisfeitos diante do número de aprendizes que ensinaram.

Ao investigar aspectos socioeconômicos dos aprendizes filigraneiros, percebeu-se algumas particularidades (Quadro 3).

QUADRO 3 – Caracterização socioeconômica dos aprendizes nativitanos.

Aprendizes	Sexo	Estado Civil	Escolaridade	A renda da ourivesaria é suficiente?
AP1	M	Solteiro	Fundamental	Não
AP2	F	Solteira	Fundamental	Não
AP3	M	Solteiro	Fundamental	Não
AP4	M	Solteiro	Fundamental	Sim
AP5	M	Solteiro	Fundamental	Não
AP6	M	Solteiro	Médio	Sim

Fonte: Dados coletados da pesquisa, 2018.

Ao analisar alguns detalhes das vidas dos artesãos aprendizes, a pesquisa revelou que apenas um ourives é do sexo feminino, o que denota que embora em menor número, as mulheres vêm pouco a pouco galgando seu espaço nas oficinas filigraneiras.

Em relação ao estado civil, 100% dos artesãos aprendizes são ainda solteiros. Importante salientar, que nenhum deles tem idade superior a 20 anos. Sendo que a média constatada na pesquisa é de 18 anos de idade.

Dos investigados somente um terminou o ensino médio, embora os outros ainda estejam estudando. Não se constatou casos de evasão escolar entre os aprendizes artífices.

No que diz respeito à renda, 33% dos aprendizes disseram já sobreviverem dos recursos auferidos nas oficinas, 67% ainda não. Destes, todos relataram viver com algum familiar: pai, mãe, tios, avós.

2. Relações entre turismo, patrimônio cultural e artesanato

No que tange ao turismo em Natividade, visitar oficinas onde são produzidas joias artesanais passadas de geração em geração é, sem dúvida nenhuma, ser co-partícipe de um estilo de manifestação cultural em que os fragmentos e memórias estão imersos num tempo não marcado pelo relógio, mas pelo simbolismo.

No entanto, as oficinas de ourivesaria e filigrania necessitam até o presente momento de alguns ajustes que lhes possibilitem atender da forma mais adequada aos visitantes e turistas. Tal afirmativa é notória na fala de um guia turístico da cidade:

GT: A ourivesaria artesanal de Natividade ainda não está inserida no roteiro turístico: “Vida de Natividade”⁵, porque o produto que ofertamos hoje ao turista é a “vivência”, aonde os turistas aprenderiam sobre como se dá o manuseio das ferramentas e algumas noções básicas da filigrana e do trabalho de joias artesanais. Então, elas estão no roteiro tour e histórico da cidade de Natividade, mas não tem vivência na ourivesaria.

A década de 1970 marca um boom do turismo massificado, ainda baseado nos padrões de pacotes turísticos formatados há um século por Cook. Segundo Costa (2009, p. 29) “o ato de viajar torna-se um fenômeno extremamente estandardizado e revela a face

⁵ Vida de Natividade é um roteiro turístico de vivência, ou seja, o turista visita pontos históricos e culturais da cidade, e em alguns lugares há interação com os costumes locais: danças, culinária etc.

mais negativamente impactante do turismo de massa, ponto de receber mais recentemente a denominação de turismo predador”.

O conceito de turismo cultural como sendo aquele ligado, exclusivamente, ao objetivo de visitar atrativos culturais é encontrado em profusão na literatura especializada e muitas vezes enfocado de maneira primária. Assim, o conceito de turismo cultural tende a ser aplicado a viagens sempre que recursos culturais são visitados, apesar das motivações iniciais (COSTA, 2009, p. 40).

É possível perceber, no que tange ao acolhimento e recebimento de turistas, que as ourivesarias de Natividade precisam implementar mecanismos de maior interação e acomodação com o público turístico, que busca além de uma bela joia, aquilo que está intrínseco nela, sua história. Desse modo, as oficinas caracterizam-se como pequenas fábricas onde são feitos negócios. Não é um espaço de visitação. Porém, isso não impede que os compradores das joias tenham contato e até experimentem um pouco da confecção dos adereços. Notou-se, durante o transcorrer da pesquisa uma boa receptividade dos ourives nativitanos em relação aos seus clientes e visitantes das oficinas.

Importante salientar, que mesmo não havendo ações e projetos para a recepção de turistas em seu interior, a única ourivesaria visitada com frequência pelos grupos de turistas é a Ourivesaria Mestre Juvenal. Devido a sua localização geográfica e maior divulgação, sem falar na trajetória do nome que batiza a oficina.

De acordo com o guia de turismo entrevistado (GT): “Eles perguntam quem foi o Mestre Juvenal, como foi passada a arte de geração em geração. Abordam a ourivesaria e a falta de joias para comprar. Por que não tem uma quantidade boa para oferecer aos turistas. Querem saber é como a técnica é utilizada”.

Nessa passagem, fica descortinado, um dos pontos fracos das ourivesarias nativitanas: normalmente não há joias em grande quantidade para a amostra e exposição. A razão se explica pelo fato de a maior parte das confecções se fazerem a partir de encomendas. Outra questão enfatizada pelos mestres ourives é a aquisição da matéria prima – eles precisam fabricar a joia a partir de uma garantia de sua venda, garantia essa feita geralmente com uma entrada do comprador. Desse modo, não há capital de giro suficiente, e nem tempo para a produção de artefatos que possam ser expostos. Outra

questão que se nota, e que impede a maior exposição é a falta de segurança. Não ter joias expostas é também uma forma de evitar roubos.

A construção do patrimônio cultural, enfoca Rodrigues (2003) é um ato que depende das concepções que cada época tem a respeito do que, para quem e por que preservar. A preservação resulta, por isso, da negociação possível entre os diversos setores sociais, envolvendo cidadãos e poder público. O significado atribuído ao patrimônio também se modifica segundo as circunstâncias de momento.

Antes de debater a presença da tradição e do artesanato nas oficinas filigraneiras de Natividade, é necessário compreender um pouco mais sobre cada conceito. Artesanato é, segundo Rodrigues (2003), essencialmente, o trabalho manual ou produção desenvolvida por um artesão. Com a mecanização da indústria, o artesão é identificado como aquele que produz objetos pertencentes a chamada cultura popular.

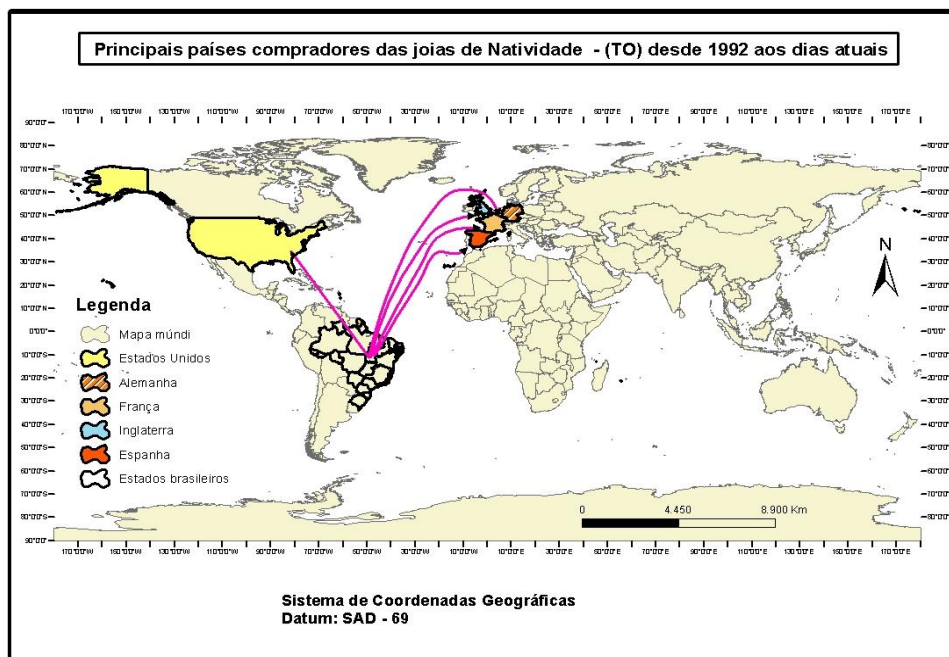
Assim, o turismo é indissociável da cultura, o que torna mais evidente neste início de século, pelo aumento da consciência de que a diversidade cultural é o ingrediente principal para o desenvolvimento desse setor, “desenvolvimento que se tem mostrado extraordinário, a ponto de, em muitas regiões, o turismo tornar-se a principal atividade econômica, responsável pela geração de emprego e renda” (DIAS, 2006, p. 1).

Esse ainda não é o caso de Natividade, nem de sua relação com as joias artesanais e/ou filigranadas. No entanto, nos últimos anos, cada vez mais turistas vem buscando a cidade e se enveredando pelo seu patrimônio material e imaterial⁶.

Segundo dados coletados, as joias artesanais e/ou filigranadas de Natividade já foram comercializadas para turistas de vários países, tais como: Estados Unidos, Alemanha, França, Inglaterra e Espanha (Figura 4).

⁶ Buscou-se junto ao Ministério do Turismo, ao Sebrae, Secretaria Municipal de Turismo e Agência de Turismo que opera na cidade informações quanto ao número de turistas que visitam Natividade anualmente. Porém, não se obteve dados acerca do numerário turístico que visita a cidade. Da agência de turismo local, se obteve a informação de que, embora sem números precisos, a atividade vem crescendo e se desenvolvendo muito nos últimos anos, sobretudo em 2018.

FIGURA 4 – Mapa do fluxo econômico internacional das joias produzidas em Natividade, Tocantins.



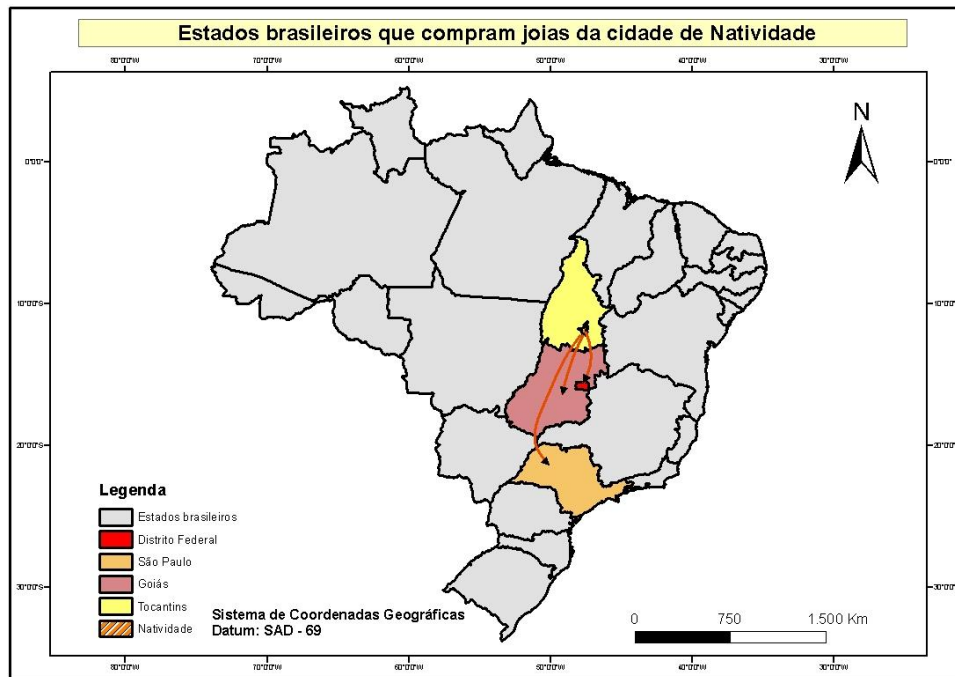
Fonte: Base Cartográfica disponibilizada pela SEPLAN - TO, 2018.

Nota: Elaborado pelo autor, 2018.

Percebe-se que os principais compradores internacionais até o momento estão localizados na América do Norte e Europa. Formam o grupo dos países mais ricos do mundo, se destacando também pela grande circulação de turistas em outras partes do mundo.

Em relação aos estados brasileiros, há uma marca que persistiu nos relatos dos ourives das 3 ourivesarias: Brasília, Goiás e São Paulo foram destacadamente as unidades da federação mais citadas (Figura 5). O que corrobora as declarações dos ourives, que disseram que a propaganda é em boa parte dos casos realizada pelos compradores, que disseminam o gosto e a arte nativitana para seus vizinhos, amigos e outras pessoas.

FIGURA 5 – Mapa do fluxo econômico da cidade de Natividade com alguns Estados da federação.

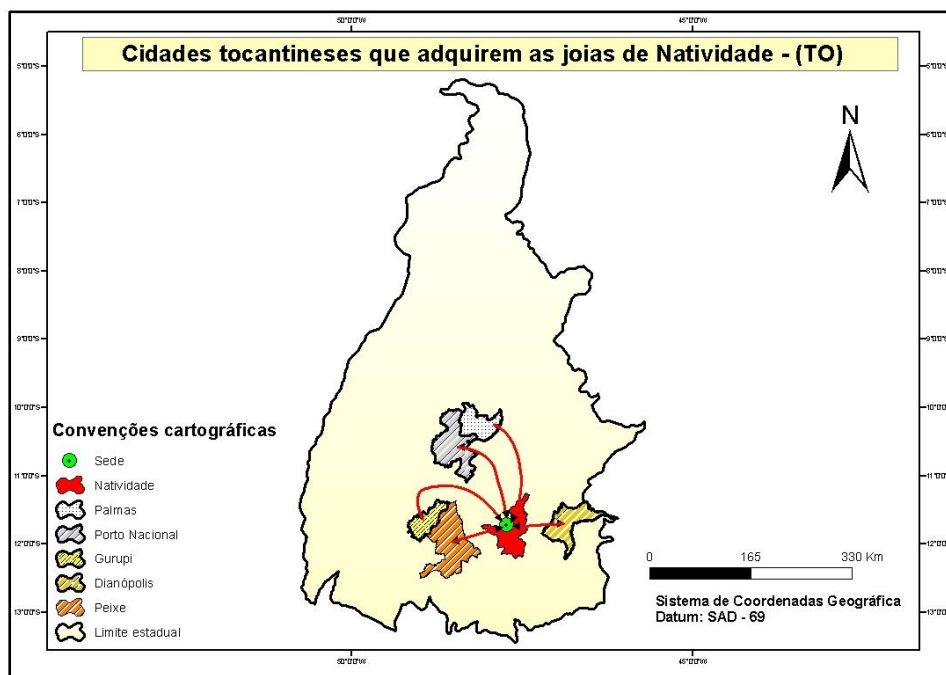


Fonte: Base Cartográfica disponibilizada pela SEPLAN - TO, 2018.

Nota: Elaborado pelo autor, 2018.

No que diz respeito às cidades tocantinenses que mais adquirem joias artesanais e/ou filigranadas das oficinas de Natividade, se destaca a maior parte delas pela proximidade geográfica, mas também pela longa tradição em comprar joias nativitanas. Estão no topo da lista municípios circunvizinhos: Porto Nacional, Gurupi, Dianópolis e Peixe, além da capital do estado, Palmas (Figura 6).

FIGURA 6 – Mapa do fluxo econômico entre Natividade e algumas cidades do Tocantins.



Fonte: Base Cartográfica disponibilizada pela SEPLAN - TO, 2018.

Nota: Elaborado pelo autor, 2018.

Uma das maiores expressões da arte popular, e que condicionam as peças artesanais das ourivesarias de Natividade são suas peças, muitas das quais de acordo com os mestres ourives locais exclusivas, como a Flor de Maracujá e a Peixa, o Coração Nativo, e que são fáceis de ser transportadas, sendo por isso bastante procuradas pelos turistas.

Em qualquer circunstância, o turismo implica um deslocamento geográfico, um movimento voluntário de pessoas que leva ao contato entre culturas diferentes. Devido ao fenômeno da globalização, há mais intercâmbio entre as culturas pelos mais diferentes meios, que se concretiza no encontro direto entre as pessoas que fazem turismo (PIRES, 2001).

Atualmente, de acordo com as entrevistas realizadas, os artesãos filigraneiros de Natividade tem cada vez mais utilizado a propaganda de suas joias com o auxílio dos mecanismos que a modernidade e a tecnologia oferecem, sobretudo as redes sociais:

O1: Há um site na internet sobre as joias de Natividade, organizado pela AsccunaNão há joias a pronta entrega, pois precisa de um acordo com a encomenda para comprar a matéria prima.

O2: Há muitos clientes fieis, vendo muito usando o watzap, também gosto do facebook, tenho página no face.

O3: Minha propaganda toda é pelo watzap

O4: A gente aqui tem um site: Bela Art Ourivesaria. Vendemos muito através do facebook.

O5: A propaganda é feita nas redes sociais, boca a boca, e por indicação de alguém que conheceu o trabalho.

O6: É feita boca a boca. Não gosto de expor muito.

Além das redes sociais, que cada vez mais têm sido utilizadas: Sites, WhatsApp, Facebook e Instagram, outra forma ainda comum e tradicional é o famoso “boca a boca”, ou seja, a partir de um cliente que adquire uma joia, outros amigos e parentes se direcionam até as oficinas.

Por sua vez, a globalização também tem provocado, em comunidades diversas, a necessidade de redescobrir e fortalecer sua identidade cultural, que se torna uma forma de afirmação de grupos sociais variados diante da tendência homogeneizadora que constitui uma das faces do processo de globalização. Nesse sentido, o patrimônio cultural constitui um modo concreto de contribuir para unidade de um grupo social. Já como recurso turístico, o patrimônio cultural atende a um interesse crescente pela cultura que se traduz em um aumento significativo de viajantes que praticam o turismo cultural (DIAS, 2006).

Em decorrência dessa busca, intensificada nos últimos anos do século XX e nesse início de século XXI, o turismo cultural assume um papel educativo, pelo qual se amplia e se consolida um conhecimento construído em processo complexo, “que tem seu ponto culminante no contato direto do indivíduo com seu interesse particular, seja ele um sítio arqueológico, um museu, um monumento histórico, uma etnia, um artesanato” (DIAS, 2006, p. 36).

O incremento do turismo, aponta Pires (2001), tem a particularidade de expor a diversidade mais geral e de confrontá-la à homogeneidade cultural própria de uma comunidade específica, que se fortalece ao contato com o outro, ao aumentar a identificação de seus membros com símbolos culturais característicos do grupo.

Desse modo, o artesanato é o depositário da memória gestual e tecnológica da sua comunidade. O artesão-artífice-artista é o transmissor de ritos e imagens da cultura não-escrita, da cultura cujas raízes mergulham no inconsciente coletivo.

Por conseguinte, ao transmitir seus saberes que emergem em Natividade desde tempos imemoriais, os filigraneiros contribuem não apenas com o incremento do turismo, mas sobretudo com a valorização do lugar.

3. Novos rumos para as ourivesarias

O Programa Monumenta, em 2004, aprovou um projeto de apoio às joias artesanais de Natividade sob a responsabilidade da Fundação cultural do Estado do Tocantins, em ação paralela aos projetos de restauração patrimonial que estavam em curso na cidade.

Um dos objetivos do projeto era o de garantir a sustentabilidade da produção artesanal das joias nativitanas, bem como verificar sua viabilidade enquanto empreendimento joalheiro. Na verdade, neste processo o que se constata é a viabilidade do empreendimento em razão de alguns elementos fundamentais: o fácil acesso à matéria-prima, a competência dos artesãos, as joias com alto valor agregado a partir de técnicas quase esquecidas e pouco difundidas no Brasil. Soma-se a isso o fato de ser um produto que tem um mercado próprio, com alcance social (IPHAN, 2007).

O trabalho em Natividade, ressalta o Iphan (2007), se realiza basicamente em três oficinas que dispõem de espaços de certo modo aconchegantes, porém necessitando de uma devida adequação para a recepção de turistas e visitantes.

As mesas se encontram uma ao lado da outra, evidencia-se também intenso trabalho e o uso diversificado de equipamentos e materiais, representando a característica peculiar de cada artesão. Em razão da falta de espaço, a presença de visitantes e clientes interfere no processo de trabalho, pois dificulta a concentração por parte dos ourives.

Essa dificuldade também é apontada pela presidente do Conselho Municipal de Turismo de Natividade (COMTUR) e agente de turismo local.

AT: Nas ourivesarias a gente não leva. Por que que a gente não leva? Porque nós estamos tendo dificuldades de sermos recebidos pelos ourives.

Especialmente quando o pessoal (os turistas) querem entrar, quer ver como que funciona, então tá tendo dificuldade lá dentro. A gente não leva. É um passeio a parte, que não dá para fazer no roteiro “Vida de Natividade”, que é um roteiro de vivências. Infelizmente.

Ou seja, as ourivesarias atualmente não estão inseridas em nenhum roteiro organizado por agência de turismo, todavia tal fato não impede que os turistas e visitantes adentrem, vivenciem, investiguem a história das oficinas e da filigrana, apreciem o modo de fazer, de repassar. Enfim, individualmente ou em pequenos grupos, boa parte das pessoas que passam por Natividade mantém contato próximo às práticas dos ourives e aprendizes.

Fica evidenciado na fala da agente de turismo, a projeção simbólica e histórica das ourivesarias enquanto artesanato e referência para Natividade, entretanto há alguns entraves que poderão ser superados.

AT: Eu quero deixar dito que as ourivesarias são um dos locais que a gente tem a maior estima e um dos locais mais pedidos hoje pelos turistas em Natividade, porém a gente não conseguiu trabalhar ainda o empreendedorismo por parte dos ourives. A visão deles é exclusivamente de fabricação, enquanto que nós já levamos uma proposta pra eles em várias reuniões com a presença do Sebrae⁷. Houve a sugestão que fosse criada uma espécie de vivência no interior das ourivesarias, ou que tivesse alguém que recebesse os turistas, contasse a história, as origens. Então hoje a gente leva, mas sem saber se seremos recebidos, pois quando eles estão com muito serviço, eles não tem condição de parar para atender os visitantes. Inclusive está indo para Pirenópolis um grande número de ourives, e talvez eles voltem mais abertos para isso.

Uma das soluções apontadas pelos próprios ourives seria a criação de um espaço só para a visitação. Há no centro histórico um prédio pertencente a prefeitura municipal que foi reformado para esse fim, que funcionaria como escola de ofício para os aprendizes, onde um ou mais ourives pagos pelo poder executivo municipal ensinaria a arte da ourivesaria a jovens da cidade (Figura 7).

⁷ Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.

FIGURA 7 – Casarão que seria destinado à escola de aprendizes.



Fonte: Wátila Bonfim, 2018.

De acordo com um dos ourives entrevistados:

O1: Acho que a prefeitura devia aproveitar este espaço. Há 12 meses, só falta as ferramentas. Contrataria a gente para ensinar. Poderiam ser ensinados 12 aprendizes pela manhã e 12 pela tarde. Para a geração de renda seria fundamental. É necessário maior apoio municipal e estadual. Hoje a ourivesaria é um símbolo da cidade e do estado.

No que tange à sustentabilidade do turismo e do patrimônio cultural, no ano de 1992, foi celebrada, no Rio de Janeiro, a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e o Desenvolvimento, a Rio 92, que popularizou o conceito de desenvolvimento sustentável como aquele que deve ser exercido de modo a permitir que sejam atendidas equitativamente as necessidades ambientais e de desenvolvimento de gerações presentes e futuras (DIAS, 2006).

O turismo contribui para a intensificação de uma consciência global, por aproximar e integrar as mais diversas regiões do planeta. A motivação turística, esclarece Dias (2006), prima pela diversidade de interesses, e há um tempo leque de possibilidades de criação de atrativos, públicos-alvo com interesses específicos que podem ser atendidos em qualquer lugar do mundo.

Como Natividade vem cada vez mais sendo alvo de visitantes do Brasil e até do exterior, o planejamento estratégico deste destino turístico não deve ser apenas local, é preciso pensá-lo globalmente, ou seja, deve-se levar em consideração que os padrões de atendimento, a satisfação do visitante, a diversidade de oferta de atrativos, entre outros aspectos, sejam competitivos, do ponto de vista nacional, e até mundial.

Em algumas regiões brasileiras, o turismo já se tornou parte da cultura local e muitas famílias vivem em função dessa atividade. Atualmente, desenvolve-se a concepção de que o turismo não significa somente a geração de oportunidades e de emprego, mas também envolve estratégias para a conservação dos recursos naturais, para a manutenção dos ecossistemas, para a preservação e o resgate do patrimônio histórico e cultural, entre muitos outros benefícios que poderão atingir toda a comunidade (PIRES, 2001).

Do ponto de vista cultural, aponta Dias (2006), há uma articulação entre a tendência homogeneizadora da globalização e a pluralidade das culturas locais. Por um lado, a cultura global de consumo, que parece não reconhecer fronteiras pela utilização dos meios de comunicação e pela redução das barreiras alfandegárias, promove a homogeneização e estimula o consumo massivo de produtos culturais globais; por outro lado, na promoção desses mesmos bens de consumo, provoca um movimento inverso de fortalecimento das especificidades culturais locais.

Enfatiza Dias (2006) que uma comunidade aparentemente homogênea pode ter, entre seus integrantes, características – gastronomia, artesanato, bordado, brinquedos etc. – que, se bem exploradas, podem não só contribuir para o aumento da diversidade, mas também trazer um bom retorno financeiro com a afluência turística. Trata-se de uma ação de recuperação histórica e antropológica de manifestações culturais em vias de desaparecimento, das quais restam poucos indivíduos que detêm o conhecimento tradicional.

Interpelado sobre o porquê da administração pública municipal, não ter proximidade em relação às ourivesarias, já que estas além de representarem simbolicamente Natividade, também têm sido geradoras de renda para os jovens da cidade, o Secretário Municipal de Cultura e Turismo nos respondeu:

ST: Não temos tanta proximidade, pois elas são particulares. Mas a prefeitura tem incentivado a parte de divulgação. Já fizemos reuniões com o pessoal do Iphan e eles, os ourives. Eu vejo que é necessário fomentar o manuseio, a expansão deste trabalho secular.

A fala do representante da cultura e do turismo no município porém é diferente das dos ourives. Segundo aqueles, os representantes do executivo municipal sempre deixaram a desejar no que tange ao desenvolvimento das oficinas.

Outro problema notado em nossa pesquisa é a troca constante de secretários da pasta da cultura e do turismo. Ficam pouco tempo no cargo, insuficiente para planejar e por em prática qualquer projeto desenvolvimentista e de geração de renda para os moradores da cidade.

Em relação ao espaço que seria destinado à escola de aprendizes, o gestor municipal do turismo disse:

ST: Nosso pensamento é que tenha um local. Essa tradição mantém viva a história de nossa cidade. Tem um prédio que pertence a prefeitura. Queremos desocupá-lo e desenvolver em Natividade uma escola para ourives, gerando oportunidade e renda para o cidadão nativitano. Nosso pensamento é colocar essa oficina em pleno funcionamento, contratando e remunerando um ou mais ourives que repasse o saber.

Apesar desta fala, o que se sabe é que este prédio está sendo usado para outras funções, embora haja mesas para o aprendizado necessitando, como já fora dito anteriormente, de investimento na compra de ferramentas. Essa escola de ofício de ourivesaria proporcionaria não apenas a continuação garantida dos mestres filigraneiros, mas também seria uma oportunidade de geração de renda para os jovens nativitanos, além de representar grande perspectiva socioeconômica e ação contra a ociosidade juvenil.

Outrossim, uma escola-oficina aliada a um pequeno museu com amostra de ferramentas e joias, poderia também ser usada para a visita de turistas. Esse espaço se bem organizado e planejado forneceria mais um espaço de contemplação na histórica localidade.

Nessa reabilitação do legado cultural, devesse estar associada à dimensão econômica, para possibilitar a iniciativa empreendedora que gera renda e trabalho, de modo a proporcionar melhorias às condições de vida da população local. Nesse contexto, devem-se aumentar os investimentos em patrimônio cultural, criar ou consolidar museus, recuperar o patrimônio histórico-artístico

e o artesanato local, com vistas a um incremento da atividade turística que viabilizará o desenvolvimento municipal (DIAS, 2006, p. 184).

A criação de escolas de artes e ofícios, enfatiza Dias (2006), em parceria com Organizações Não-Governamentais (ONGs) e setor privado, permite ampliar a inclusão social de segmentos mais pobres da população, principalmente jovens, os quais podem aprender técnicas ancestrais que serão cada vez mais valorizadas.

Hoje, dentro de uma nova concepção, o patrimônio cultural deve ser visto como um recurso econômico de um determinado território – localidade, região ou nação –, de modo a constituir um componente importante da oferta no segmento turístico. A conservação do patrimônio histórico deve ultrapassar a fase de obrigação cultural, ao compreender-se que se trata de um recurso que pode e deve ser utilizado para promover o desenvolvimento e para melhorar a qualidade de vida das pessoas (DIAS, 2006).

O patrimônio, ao constituir-se em um recurso que tem um valor comercial no mercado turístico, possibilita às localidades terem uma oferta diferenciada, pois todas têm suas próprias histórias que geram bens singulares existentes apenas naqueles locais determinados.

Considerações finais

No presente estudo, procurou-se investigar a técnica da filigrana no município de Natividade, Tocantins e suas relações com o turismo local. Trata-se de uma cidade surgida ainda no século XVIII, tombada desde 1987 pelo Iphan, que guarda nos dias hodiernos vestígios de tempos passados presente no imaginário das pessoas e do espaço, marcando a sua identidade.

A filigrana é uma técnica milenar de se confeccionar joias em ouro e prata, a partir de fios finíssimos produzidos de forma artesanal. De acordo com as fontes pesquisadas, fez parte do cotidiano de civilizações antigas, tais como a Mesopotâmia, Egito, Grécia, Roma etc. Com o tempo, e em consequência de guerras, atividades comerciais e migrações, foi aos poucos aperfeiçoada por etruscos e fenícios. Chegando a península ibérica, desembarcou no Brasil após os primeiros tempos da colonização.

No Tocantins, é provável que os primeiros mestres-ourives tenham chegado após a descoberta de ouro nas primeiras décadas dos anos 1700. De acordo com os relatos dos ourives a filigrana está presente em Natividade há mais de 200 anos, o que documentalmente não se conseguiu comprovar. Além das influências ibéricas, mais precisamente a portuguesa, percebeu-se a proximidade com ourivesaria baiana, das chamadas “joias de crioula”. O que corrobora a hipótese de um sincretismo na arte filigraneira, sendo a somatória da contribuição lusitana com a africana, sobretudo a sudanesa. Tal fato colocam as ourivesarias em filigrana de Natividade em papel de singularidade no Brasil, sendo uma das poucas localidades no país a desenvolver e preservar esta técnica.

Algumas razões fizeram com que esta manifestação artística e manual permanecesse na cidade, dentre elas: a presença de matéria prima, ouro e prata, em abundância nos garimpos da região; o isolamento geográfico que impediu que os modismos atropelassem a tradição; e o fato de que o modo de saber fazer sempre persistiu ao longo das décadas.

Durante esta pesquisa foi possível perceber que as joias artesanais fabricadas em Natividade representam o que Yázigí (2001), chamaria de “alma do lugar”. A vida só tem sentido e significado no lugar, onde ocorre a ligação da vida social. No lugar, cada sujeito se reconhece ou também se perde, vai usufruindo e modificando o espaço, o lugar tem usos e sentidos. Embora a filigrana nativitana não seja tombada a nível estadual ou nacional, os moradores consideram-na como o bem que mais representa Natividade, um patrimônio imaterial que também é símbolo de resistência ante os convites da globalização, e veículo de comunicação do lugar com o restante do mundo.

Há nos dias atuais em Natividade três ourivesarias em pleno funcionamento: a Ourivesaria Mestre Juvenal, João Bosco Joalheiros e a BellaArt Ourivesaria. No total trabalham entre mestres e aprendizes 17 pessoas. Destes, seis eram no momento de nossa pesquisa aprendizes. Os mestres-ourives têm como código pré-estabelecido repassar o saber àqueles que se iniciam nessa arte.

A maior parte das encomendas já é feita utilizando as redes sociais, embora a propaganda verbal ainda exista. Diagnosticou-se que todos os mestres sobrevivem dos

rendimentos auferidos no oficialato, quanto aos aprendizes boa parte já consegue obter meios para a sua sobrevivência. Assim, ser ourives em Natividade, além de representar um elo entre o passado e o presente, também propicia a uma parcela da população uma renda digna no final do mês.

Descobriu-se que a presença de um modo de fazer que se comunica com a identidade nativitana e tocantinense movimentou o turismo local, pois muitos visitantes costumam, estando na cidade, caminhar às oficinas e adquirir as peças. A cidade vem cada vez mais sendo visitada, o seu patrimônio tanto material como imaterial tem representado as molas propulsoras deste crescimento. Entre os países para onde as joias já foram vendidas, destacam-se: Estados Unidos, Inglaterra, França, Espanha e Alemanha; entre os Estados da federação: Goiás, Brasília e São Paulo; e entre os municípios tocantinenses, além da própria cidade: Palmas, Porto Nacional, Gurupi, Dianópolis e Peixe.

O que se pode dizer é que a presença das oficinas e dos mestres-ourives e de seus aprendizes além de representar para os moradores a identidade local, também é para o município uma forma de aumentar a inserção dos seus jovens no mercado de trabalho. Caberá aos poderes públicos entender que é preciso maior cuidado e investimento nesse patrimônio imaterial, que tem trazido pouco a pouco dividendos e pessoas à cidade, movimentando sua economia.

Algumas dificuldades estão sendo e precisarão ser enfrentadas pelas ourivesarias e pelos artesãos filigraneiros nativitanos, tais como uma maior interatividade com turistas e visitantes, e até mesmo um momento de vivência. Porém, isso não impede o contato entre o turista e o artífice, e não diminui o fervor, a magia, o cheiro de passado e de lugar que emergem de suas bancadas, de cada peça que sai para o Tocantins, para o país e para o mundo inteiro, deixando evidente que preservar a memória de nossos antepassados através do artesanato, pode redirecionar o tempo presente de uma localidade.

Assim, espera-se com este texto contribuir com o conhecimento e a valorização dos ourives e das ourivesarias artesanais de Natividade, preservando e dinamizando as atividades tradicionais que marcam o lugar, com destaque para a arte da filigrana. Por trás de uma joia há um autor, uma história, confeccionada pelas mãos de um artesão.

Assim, a filigrana, representa tempo e espaço, que se inter-relacionam a partir de uma teia tênue e firme.

Referências

COSTA, Flávia Roberta. **Turismo e patrimônio cultural: interpretação e qualificação**. São Paulo: Senac, 2009.

DIAS, Reinaldo. **Turismo e patrimônio cultural: recursos que acompanham o crescimento das cidades**. São Paulo: Saraiva, 2006.

IPHAN. **INRC de Natividade: estudos para o registro da ourivesaria em filigrana de Natividade, Tocantins como patrimônio cultural imaterial brasileiro**. Brasília: Iphan, 2007.

MENDES, Estevane de Paula Pontes; SILVA, Juniele Martins. Abordagem qualitativa e Geografia: pesquisa documental, entrevista e observação. *In: MARAFON, José Glauco; RAMIRES, Julio Cesar de Lima; RIBEIRO, Miguel Angelo; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar (Orgs.). Pesquisa qualitativa na geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

PEREIRA, Mafalda Pinheiro. **Memórias de artesãos filigraneiros de Gondomar – Um patrimônio a musealizar?**. 2008. 242 f. Dissertação (Mestrado em Museologia) - Universidade do Porto - U. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2008. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/8540?mode=full>. Acesso em: 02 jul. 2017.

PÊSSOA, Vera Lúcia Salazar; *et al.* **Pesquisa qualitativa na geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

PIRES, Mário Jorge. **Lazer e turismo cultural**. São Paulo: Manole, 2001.

RODRIGUES, Marly. Preservar e consumir: o patrimônio histórico e o turismo. *In: FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime (Orgs.). Turismo e patrimônio cultural*. São Paulo: Contexto, 2003.

YÁZIGI, Eduardo. **A alma do lugar: turismo, planejamento e cotidiano**. São Paulo: Contexto, 2001.

*Recebido: 15.10.2019
Aprovado: 30.11.2019*